Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

Ano VI • nº 240 • Uberaba/MG • de 31 de março a 6 de abril de 2003

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

INFÂMIA

Criação da capa: André Azevedo

issuu-downloader.com

Inumano, demasiado inumano

Fernando Machado
6º período de Jornalismo

Enquanto o New York Times contabiliza em sua capa o número de soldados anglo-americanos mortos, e os editoriais norte-americanos falam de "desrespeito" às leis de guerra, o Revelação se veste de preto. O luto é tanto pelos iraquianos -homens e mulheres, jovens e crianças - mortos pelas tropas e pelas bombas - quanto pelos soldados que desperdiçaram suas vidas. A estes últimos, faltou a coragem do boxeador Mohamed Ali, quando se recusou ir para o Vietnã matar pessoas.

Na verdade, a guerra começou há muito tempo. Bem antes de George W. Bush iniciar as ameaças a Saddam Hussein meses atrás. O que acontece agora no Iraque é simplesmente um invento noticioso da imprensa sobre um processo contínuo e recorrente. *Historicizado*, o fato deixa de ser novidade; passa a ser até previsível. Desde que os Estados Unidos, depois do fim da Guerra Fria, passaram a se ver como a única potência militar internacional e trataram de impor uma "nova ordem mundial", se transformando na "polícia do mundo", existe essa mesma guerra. Guerra ideológica, guerra econômica e política, guerra pela guerra. Essa "nova ordem" já matou muita gente, seja dando apoio a Israel, seja embargando a economia de países. Os bilhões de dólares gastos com armas são muitas vezes superiores à quantidade necessária para sanar alguns dos principais flagelos da humanidade. As grandes misérias do mundo, imagine!

Os Estados Unidos detêm o domínio da informação. Suas principais redes de TV são submissas ao poder. Na Guerra do Golfo, por exemplo, a CNN tinha exclusividade na transmissão. Agora existem outras emissoras, mas o domínio da informação ainda é das redes norte-americanas. Do modo que trasmitem as informações, *o leitor* (ou o telespectador) *aprende um pedaço apenas do significado da notícia. [...] Ele não é plenamente informado de todo o resto, mas isso não ocorre por despreparo ou inexperiência, mas porque a justaposição, a edição da notícia, se pauta por critérios jornalísticos, que não são os da história, da natureza, da razão intelectual ou de qualquer outra forma de pensar o mundo**. Há jornalistas lado a lado dos soldados, entrevistando-os em "tempo real", como estivessem em um *reality show*. Outras vezes, mostram aviões e mísseis riscando o céu e caindo em um ponto distante. Falam de "Libertação do povo do Iraque".

Pessoas do mundo inteiro não aceitam a guerra e estão gritando contra ela há bastante tempo. O Revelação as escuta – e grita com elas

A guerra de informação, de ideologia e de morte –sabemos- não é novidade. Pessoas do mundo inteiro não aceitam a guerra e estão gritando contra ela há bastante tempo. O Revelação as escuta – e grita com elas.

**Leão Serva; Jornalismo e Desinformação, 2001*

reprodução

Cartaz de propaganda de Guerra na antiga União Soviética

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto Gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

Errata
Na edição anterior do Jornal Revelação, na matéria Guerra da Informação, divulgamos que a agência de notícias Reuters é uma empresa alemã.
Na verdade, a empresa é Britânica.

issuu-downloader.com

Opinião

Do desenho animado para as cenas de guerra

Crianças e adolescentes avaliam o conflito entre EUA e Iraque

Miriam Lins Caetano
7º período de Jornalismo

Mika Waltari, um escritor finlandês mencionou em seu livro, *O Egípcio,* que "as crianças são a primavera do mundo". Impressionado pela beleza infantil e o eminente poder de cativação desses seres, ele deixou claro que as crianças representam a melhor fase do homem, o lado poético e clarividente da existência humana na terra.

Mas hoje, em meio à morte e ao genocídio de idosos, mulheres e crianças no Oriente Médio, nossas crianças uberabenses já pressentem que os horrores da guerra já fazem parte de suas vidas.

Enquanto elas poderiam estar vencendo suas próprias batalhas na luta pela sobrevivência, elas são obrigadas a conviver, mesmo que através dos meios de comunicação, com a guerra que é a mais pura evidência de que alguns homens ainda não perceberam a verdadeira vontade de Deus.

Nesta enquete, foram ouvidas algumas crianças e adolescentes da Casa do Menor.

fotos: Miriam Lins Caetano

Ramanhany Dias
15 anos
Eu acho que essa guerra é muito sem motivo e irônica

Lauana Rodrigues
15 anos
A guerra não tem motivo de ser. É uma matança de gente que não acaba mais e os inocentes acabam pagando por alguma coisa que não fizeram.

Laurélio Júnior
8 anos
Eu acho essa guerra é muito ruim porque mata muitas pessoas. Eu fico com pena das crianças que estão lá.

Laís Lemos
13 anos
Jesus Cristo é quem deve julgar as pessoas e não os presidentes, que quando não conseguem o que querem saem fazendo guerra pelo mundo afora…

Gustavo Henrique
15 anos
Não acho que seja justo matar as pessoas por interesse comercial como fala na televisão. Eu vejo muita morte acontecendo lá, todos aqueles ataques, se fosse no Brasil, seria mais prejudicial, porque aqui é que não teríamos chance mesmo.

Karla Fávaro
13 anos
O que eu estou vendo é que tudo isso é uma besteira. Devemos amar uns aos outros e não odiar, como está acontecendo.

John Renner
13 anos
Estamos vendo várias pessoas morrendo nessa guerra e não tem nada a ver. Quem tinha que morrer eram os dois que armaram essa guerra.

Jonathan Francisco
13 anos
A guerra é muito ruim! O que eu queria mesmo era paz, porque se ela (a guerra) viesse pra cá, muita gente morreria e seria muito sofrimento…

issuu-downloader.com

Ciberativismo

Designers distribuem posters anti-guerra pela Internet

Arquivos prontos para impressão estão disponíveis gratuitamente. Artistas abriram mão de direitos autorais

Da redação

Another Poster for Peace é uma organização formada por um grupo de *designers* que decidiram ajudar a criar campanhas para protestar contra a guerra. Eles trabalham gratuitamente e disponibilizaram os posters no sistema "Copyright-free", ou seja, qualquer pessoa pode adicionar informações nas peças e publicá-las, mesmo em veículos comerciais. Os posters em diversos formatos estão a disposição em alta resolução, no formato PDF (prontos para impressão) no site www.anotherposterforpeace.com

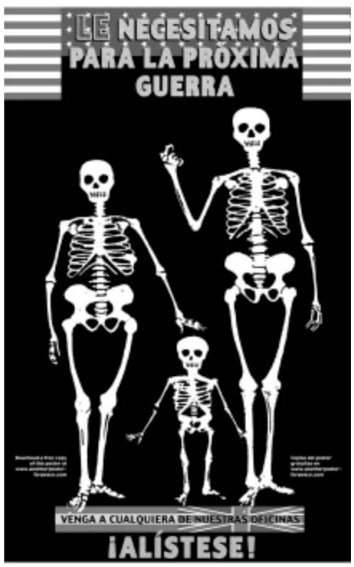
Guerra = Morte

Não queremos comprar petróleo com sangue (50 mil vidas por galão)

issuu-downloader.com

Não queremos esse "reality show"

Não compre! Guerra não é a resposta.



Precisamos de você para a próxima guerra. Aliste-se!

Elimine esses dejetos

Coloque seu nome aqui

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com

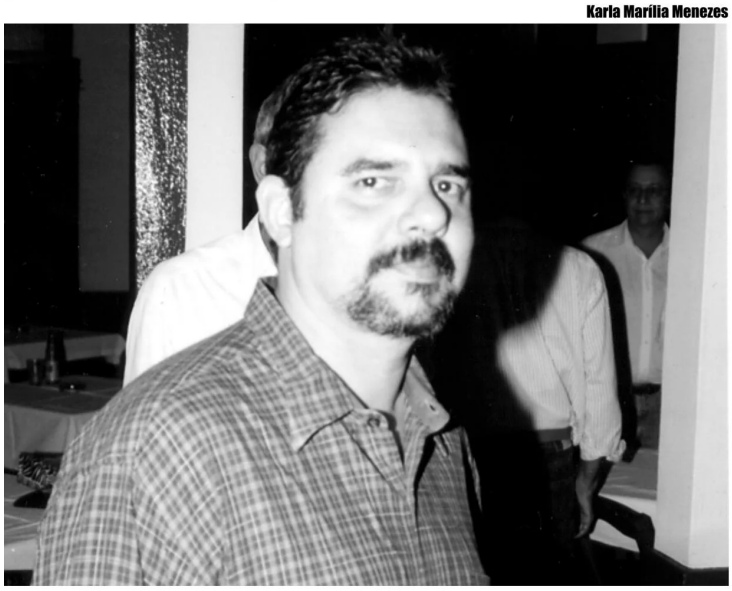
Especial

Doutrina Bush: A sua potência pode ser sua maior fraqueza

Tolerância e Democracia são palavras tão sérias quanto os desenhos da Disney

Karla Marília Meneses
6º período de Jornalismo

Karla Marília Menezes



Professor e sociólogo Orlando Pereira

"Não é uma guerra. É uma agressão unilateral", afirma Orlando Pereira Coelho Filho, sociólogo formado pela Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro professor secundarista de Uberaba. Para ele, o conflito entre EUA e Iraque não se trata de uma guerra comum no conceito convencional. "Guerra pressupõe uma agressão mútua, fato que não ocorreu. O Iraque não atacou os EUA e, pior, não existem provas concretas que incriminem o país.", explica.

O fato de o presidente dos EUA, George W. Bush ter se baseado em um relatório da ONU para deflagrar a guerra não seria motivo suficiente. Segundo Orlndo Pereira, neste relatório consta o depoimento de um general iraquiano que se exiliou nos EUA, após ir contra o regime político praticado por Saddan Russein. No depoimento, feito em 1995, o general confirmou a existencia de um considerável arsenal de armas químicas e mísseis com alcance e poder de fogo proibidos pela ONU. Porém, todo esse arsenal foi destruído em 1991, quando na ocasião da guerra do Golfo.

"Os EUA manipularam o relatório. A declaração feita pelo general citando o desarmamento do Iraque foi retirada. Permaneceram apenas as informações que lhes interessavam. Tudo isso foi relatado pelo repórter americano John Barry, que acompanhou por 10 anos o trabalho de desarmamento feito pela ONU. Para mais informações sobre o fato, basta entrar no site " www.fair.org/press-releases/kamel/.pdf. A edição do Jornal Pasquim de 11/03/03 traz matéria sobre o assunto", informa o professor.

Outra evidência de que haveriam ataques, foi a recusa dos EUA em assinar com a OPAC (Organização de Proibição de Armas Químicas) acordo para o desarmamento do país. O presidente do órgão era um brasileiro, José Maurício Bustani, que, com diplomacia, diálogo e negociação, conseguiu aumentar o número de países membros engajados com a organização. Perseguido em constantes ataques pessoais pela comitiva americana e por relatórios de teor duvidoso ele foi exonerado do cargo.

"Mas, o grande fiasco mesmo foi que, na ocasião do Tratado de Kyoto, no acalorado debate sobre as reservas naturais, os EUA pareciam resistentes em assumir um acordo, já que usam 40% das reservas do planeta. A proposta feita pela comissão era de que os países reduzissem os gases venenosos para a proteção da camada de ozônio e preservassem as águas do Planeta. Os representantes e o corpo diplomático dos EUA abandonaram o recinto, recusando assinar o tratado.", conta o professor, acrescentado: "Mais constrangedor ainda foi um encontro promovido pela ONU onde a pauta a ser discutida era o racismo. Na ocasião dos debates, foi alegado que um país democrático como os EUA rejeitam os palestinos por sua etnia, cultura e religião, protegendo o estado de Israel e fomentando o ódio e a guerra entre os dois países. Mais uma vez, a comitiva americana retirou-se do debate.".

> **"Guerra pressupõe uma agressão mútua, fato que não ocorreu. O Iraque não atacou os EUA e, pior, não existem provas concretas que incriminem o país"**

Motivos da guerra: todos ou nenhum?

" São vários... politicamente é a imposição de um país que não admite um mundo multipolar, ou seja, com vários poderes. O exercício do poder é o 'modus operandi' dos EUA. Assim como em 1945 os EUA lançaram bombas em Hiroshima e Nagasaki, cidades que nem eram áreas estratégicas e militares, repete o mesmo no Iraque. O motivo é o mesmo: impôr uma *´Pax Americana´*, ou seja: alerta para o mundo que há uma supremacia econômica e militar", analisa Orlando Pereira.

Preocupante não é a guerra, mas sim suas consequências, que serão imprevisivelmente terríveis. A quebra da credibilidade e independência da ONU é fato consumado. A Comunidade Européia, Alemanha, França e Bélgica, experientes mas exaustas de conflitos e guerras, tomam uma posição cautelosa. A Europa optou pela diplomacia e negociação, entrando em relativa prosperidade econômica com a criação da moeda Euro. Um bloco europeu está se formando. Consequentemente, os EUA se tornam isolados. A economia se torna instável e haverá uma corrida armamentista feita pelos outros países, já que o modelo americano de democracia age de forma contraditória.

"Sabe-se que Saddan Russein não é nenhum santo: ditador, adota uma política cruel, com mão-de-ferro. Mas há um porém: ele está em seu país e não há provas para que o ataquem. A soberania deve ser respeitada.", o professor demonstra preocupação. "Não queira combater monstros, se tornando um deles. Se olhar para dentro de um abismo, o abismo olhará para dentro de você.", finaliza, citando o filósofo alemão Nietzsche.

issuu-downloader.com

Nova censura

Muita informação, informação nenhuma

Novas estratégias de controle são mais eficientes que a censura tradicional nos meios de comunicação

André Azevedo
3° período de Jornalismo

A trama de *O Nome da Rosa*, romance de Umberto Eco, traz metáforas luminosas sobre o problema do controle de informação, questão chave para tentar entender o noticiário de guerra.

Ambientada no auge da Inquisição, o romance narra um episódio da vida de padre William (o personagem principal), quando é chamado para investigar mortes misteriosas em um mosteiro. Todos os sacerdotes assassinados tinham em comum a ligação com a difusão de informação. Um tradutor de grego por exemplo, que se dedicava à obra de Aristóteles, é uma das vítimas mais simbólicas.

A obra daquele filósofo era especialmente temida porque atribuía à comédia o status de expressão máxima da verdade. Essa idéia confrontava fortemente o código de comportamento da ordem religiosa responsável pela guarda dos livros, que considerava o riso uma conduta inadmissível para um sacerdote. Um religioso exemplar deveria manter-se sempre sério, impassível, carrancudo. Portanto, em face de um livro que reconhecia a potência filosófica do deboche enquanto revelação da essência, a atitude do bibliotecário-chefe consistia basicamente em negar a existência da obra.

Dirigentes enganam a sociedade, mas os governos não conduzem sua política segundo suas próprias mentiras. "Eles estão diante de outros documentos"

Uma questão surge, entretanto: por que simplesmente os sacerdotes não destruíam esses livros proibidos? Não o faziam justamente por ter noção de sua preciosidade e, talvez, até mesmo admitissem, em segredo, a validade dessas teorias. Além disso, dominar esses conhecimentos seria condição fundamental para detectá-los ainda no nascedouro – caso surgissem de forma espontânea nas discussões teológicas no mosteiro. Portanto, a importância da informação não estava no valor em si, mas na agilidade da repressão que seu domínio garantiria. Não era a "verdade" o que os sacerdotes buscavam, mas a racionalização teórica que justificasse e garantisse a manutenção de seu poder.

Cartazes de propaganda comunista na antiga União Soviética

Inimigo a favor

O filósofo Jean-François Revel, em *O conhecimento inútil*, lembra que, nos regimes totalitários, os dirigentes e a imprensa do Estado enganam a sociedade, mas os governos não conduzem sua política segundo suas próprias mentiras. "Eles estão diante de outros documentos". Da mesma forma, os padres que conheciam o teor do livro sabiam do potencial iconoclasta ali guardado e, por isso mesmo, estudavam-no secretamente e dificultavam o acesso a ele.

Um personagem do escritor Alexandre Zinoviev refletiu que, na arte de enganar pela desinformação, a melhor estratégia é fazer com que o inimigo passe a agir como nós desejamos, completamente convencido de que age segundo sua própria vontade e contra nossos interesses. Para Revel, uma das maneiras de alcançar essa estratégia é fazer com que seja o próprio adversário – ou então alguém neutro – quem primeiro torne pública a falsa notícia ou sustente a tese que se deseja propagar.

Estratégia é fazer com que o inimigo passe a agir como nós desejamos, completamente convencido de que age segundo sua própria vontade e contra nossos interesses

Essa estratégia tem se mostrado historicamente mais eficiente que a censura explícita nas táticas de controle da informação. Nilson Lage, em *A Estrutura*

issuu-downloader.com

da Notícia parece reforçar essa tese ao escrever: "a censura não elimina o fato cuja divulgação proíbe, nem impede que ele se repita ou tenha consequências, quando é determinado por estruturas sociais. No máximo, pode protelar o processo".

De fato, todas as iniciativas do poder para censurar as informações mostraram-se ineficientes a longo prazo. Onde há coerção há resistência. Uma informação negada leva à mais investigação, à procura de fontes alternativas e à proliferação de boatos. Na obra de Eco, por exemplo, a negação da existência do livro só fez atiçar a curiosidade do investigador. A notícia do fato censurado fatalmente seguirá por outras vias clandestinas e, mais cedo ou mais tarde, acabam revelados.

Todas as iniciativas do poder para censurar as informações mostraram-se ineficientes a longo prazo

Nova censura

Quando o Estado, ou os grupos econômicos, tornam-se conscientes da ineficiência desses métodos coercivos duros, desenvolvem novas formas de censura, mais sofisticadas e eficientes, que garantam efetivamente, e à longo prazo, o sigilo desejado. E talvez a forma mais eficiente consiste em, paradoxalmente, estimular mais e mais e mais e mais informações na selva louca de notícias, artigos, opiniões, comunicados oficiais, boatos, notinhas, fofocas, verdades, mentiras, meias verdades e desmentidos na imprensa.

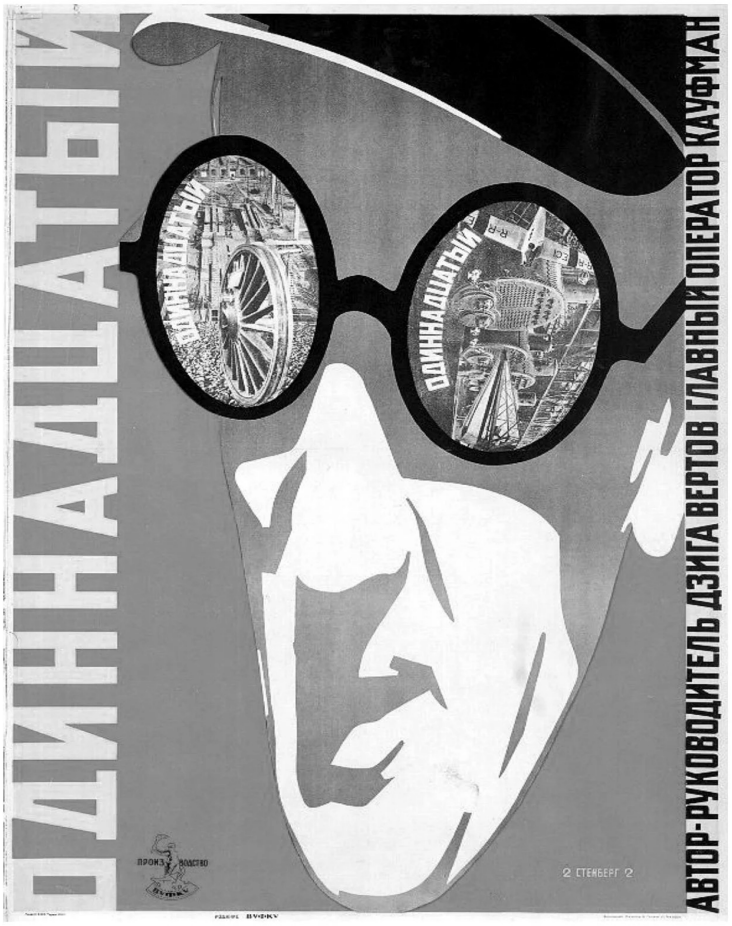
A obsessão do homem urbano – estimulada pelos meios de comu-nicação – de que o sujeito bem informado deve estar "por dentro de tudo" que circula na mídia, além de se mostrar como um fetiche ideológico, ins-pira a análise de dois fenômenos cujas características parecem ser muito semelhantes à censura. Primeiro: *desinformação* — pois a metástase de versões, opiniões, análises, contradições e interpretações superficiais frequentemente se contradizem e anulam a tomada de posição individual fundamentada acerca de qualquer assunto. Essa dispersão aleatória de informação, ao invés de oferecer referências sólidas para embasar o conhecimento, estaria criando labirintos indevassáveis. Sabe-se pouco ou quase nada de muito ou quase tudo. Impedidos de conhecer qualquer coisa com profundidade, nos contentamos com as pontas de *iceberg* e ficamos satisfeitos com a racionalização que fazemos a partir desses fragmentos.

O excesso de informação pode estar causando, por outro lado, um relativismo absoluto, ou, como escreveu o filósofo Gilles Deleuze, uma moral volúvel, o que levaria ao segundo fenômeno comum ao estado de censura: *sentimento de impotência,* que costuma levar o indivíduo à apatia, ao conformismo, ao cinismo ou mesmo niilismo — pois a constelação de informações inviabiliza a hierarquia de valores do receptor, impossibilitando-o de avaliar o que é de fato fundamental e o que é supérfluo. Futilidades circulam ao lado de grandes questões da humanidade com idênticos formatos, espaços editoriais e repercussão. A notícia importante desaparece encolhida sob a multiplicação infinita de fofocas sobre celebridades, rusguinhas teatrais entre políticos, declarações oficiais, etc. O viciado em informação precisa saber tanto sobre a nova tecnologia de aparelhos de mp3 quanto o resultado do campeonato mundial de ping-pong, tanto sobre as oscilações da bolsa em Kuala Lampur quanto a nova safra de desenhos animados do Cartoon Network, independente da necessidade real de saber tais coisas.

A nova censura entranha-se na esfera individual da hierarquia de valores do receptor, que fica incapaz de qualquer opinião segura e se põe simplesmente a se conformar de que tudo é mesmo muito complexo e ele não pode fazer nada – até porque seu eventual protesto certamente se dissolveria no oceano de informações da mídia e se mostraria estéril. Uma denúncia social, lançada nesse maremoto de informação, de fato esvai-se como uma gota e é esquecida para que, amanhã, o mesmo espaço editorial noticie a namorada nova do governador, ou outra bobagem qualquer.

A nova censura não oferece resistência. Pelo contrário, agrega, inclui, hipertrofia, encobre a informação indesejável sob um mar de informação supérflua

A censura do poder torna-se, portanto, contraproducente, pois serviria como uma anti-referência axiológica, um contra-exemplo, trazendo ao assunto censurado uma visibilidade inconveniente. A nova censura não oferece resistência. Pelo contrário, agrega, inclui, hipertrofia, quer mais e mais, até encobrir a informação indesejável sob um mar de informação supérflua. Se a antiga censura dava um tapa na cara, a nova oferece quitutes irresistíveis.



Uma eficiente técnica de marketing, muito utilizada para alcançar visibilidade, é justamente provocar algum tipo de proibição. Há pouco tempo, uma associação de enfermeiras entrou com um pedido na Justiça para vetar, em uma revista masculima, a publicação de fotos de uma mulher nua que tinha o apelido de "enfermeira". Poucas pessoas conheciam essa personagem até então. Resultado: a revista esgotou. O processo foi um grande salto na carreira da modelo. A repercussão perdurou mais do que se o fato tivesse seguido seu curso natural de instantaneidade midiática, tanto que aqui estamos falando dela. Um caso mais ou menos recente foi o desejo manifestado pela Riotur de processar os criadores do desenho animado *Os Simpsons*, por considerarem um dos episódios da série uma ofensa ao Brasil. Quem nunca havia ouvido falar desse desenho agora está ansioso para vê-lo. Irônico os novos tempos. Para censurar, informe ao infinito. Para divulgar, faça com que queiram censurá-lo!

Se a antiga censura dava um tapa na cara, a nova oferece quitutes irresistíveis

Ler notícias de guerra exigem cuidados especiais, devido às manobras estratégicas da circulação da informação. É evidente que a maior parte são informações inúteis, pois são falsas, servindo apenas de propaganda. Outras tantas são supérfluas e dizem pouco – ou nada – para a verdadeira compreensão de mundo que um caso deste é capaz de revelar. Em coberturas de conflitos, o leitor desatento passa a ser apenas mais um alvo da guerra de propaganda.

Texto originalmente escrito para o Observatório da Imprensa, adapatado pelo autor para o Revelação

issuu-downloader.com

Cultura

Patrimônio de Uberaba

Destruição apaga memória da cidade

Não é só no Iraque que andam destruindo o patrimônio cultural

Criação e foto: André Azevedo

Casa histórica de Uberaba, localizada na rua São Sebastião, foi mais uma das vítimas na guerra da especulação imobiliária na cidade no ano passado

UNIUBE

issuu-downloader.com